

# Notas a propósito da conexão entre a história, a geografia e a saúde

## Notes about the connection between history, geography and health

**Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega**

Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)  
Doutorando em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (USP)

Em *teses sobre o conceito de história*, Walter Benjamin<sup>1</sup>, alegoricamente, convida-nos a refletir sobre os enlaces possíveis entre a produção real da humanidade e os sentidos registrados em temporalidades diferentes das do presente, como cenário possível para entender o momento atual. A história como elemento que contextualiza a possibilidade de entender o sentido da realização da vida torna-se um meio viril capaz de dotar a análise da realidade de potencia que se traduz em um espectro ampliado de interfaces e interconexões, notadamente quando se vislumbra elaborar material teórico denso no campo da saúde coletiva (social).

A décima sexta tese de Benjamin<sup>1</sup> ilustra de forma categórica a necessidade de se resgatar o sentido da história como uma espécie de amálgama social, que de certa forma ajuda a entender o sentido da própria reprodução socioespacial e da saúde.

*O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas pára no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente aquele presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem "eterna" do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única. Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz "era uma vez". Ele fica senhor das suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história<sup>1</sup>.*

Sob o mesmo código de reflexão concreta e pragmática Henri Lefebvre<sup>3</sup> propõe que a reflexão sobre os mecanismos e processos de reprodução da sociedade e do espaço seja construída em uma lógica que pressupõe um método *progressivo-regressivo*. O sentido do método proposto por Lefebvre<sup>3,4</sup> revela, além do retorno justo e preciso ao passado, a necessidade de se problematizar e refletir acerca dos desdobramentos possíveis na reprodução da vida para a sociedade atual. Surge, de forma análoga, as conexões inevitáveis entre a História e a Geografia como reveladoras de urgências sociais.

A Geografia se fundamenta pela capacidade de propor leituras concretas do

conjunto de influências que promovem e articulam a organização da sociedade em contextos concretos, materiais. Refletindo com base em uma perspectiva ampliada, a Geografia se apresenta como uma *ciência síntese*<sup>2</sup> que articula os saberes das mais diversas áreas do conhecimento a fim de estabelecer as conexões possíveis entre os grupos sociais e o território de vida e ação, o que necessariamente toca e aprofunda reflexões acerca da sanidade do ambiente e do grupo social que o anima.

Frente a essas características não é estranho entender que a agenda e pauta das reflexões geográficas estão diretamente imbricadas às condições de vida, à sanidade dos ambientes e dos indivíduos que o compõe e com os sentidos que planos, políticas e agendas de intervenções públicas impactam e interferem na reprodução social e nas condições de saúde.

O lugar da realização completa da vida é o espaço, entendido como meio, produto e condição da (re)produção social que se materializa na constante reprodução espacial<sup>4</sup>. É sob essa base concreta, real, ou seja, geográfica que a vida se organiza; que a história se trama e destrama; que a saúde constrói, desconstrói e apresenta caminhos possíveis que se encapsulam na teia complexa do acontecer cotidiano.

O nexos central, apresentado por Samaja<sup>5</sup>, do que significa a investigação em saúde pressupõe

*(...) uma valorização e uma forma de regulação dos processos da vida social na medida em que colocam problemas para os movimentos da reprodução social tal como as simbolizações culturais permitem aos indivíduos concretos vivenciá-las<sup>5</sup>.*

O sentido real da produção em saúde coletiva não pode abrir mão do conjunto teórico que as humanidades podem aportar à área, por isso é urgente superar as simples estruturas e caminhar para a análise que consiga integrar *i)* sujeito; *ii)* processos históricos e *iii)* mundo concreto onde os sujeitos e a sua história se constroem. É preciso romper de vez com a frieza e incoerência positivista de que a fragmentação é quem leva para uma defesa coerente do mundo real. A saúde coletiva é o cenário privilegiado para o reagrupamento e a construção de visões amplas que não caiam no discurso simples do todo holístico, mas que não se reprimam a um conjunto sistemático de técnicas e procedimentos técnicos.

## Referências

1. Benjamin W. Teses sobre o conceito de História (1940). Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/Rue/5214/wbenjamin.htm>, acesso em: 20/08/2012.
2. George P. Os métodos da Geografia. São Paulo: Delfus, 1986.
3. Lefebvre H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1991.
4. Lefebvre H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
5. Samaja J. A reprodução social e a Saúde: Elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.